

Tabareu: Tapuya de étimo corrompido na Língua Tupi (1550-1560)*

Tabareu: Tapuya de Etim Corrupted
in the Tupi Language (1550-1560)

*Jaime Magalhães Morais** y José Alves Dias****

Resumem: Aos padres da Companhia de Jesus que com Tomé de Souza migraram para fazer a catequese dos nativos, o Brasil deve a produção de fartos registros, destaque para as cartilhas, correspondências com os provinciais e obras tratando da população do litoral, que falava o idioma Tupinambá. Usando obras de dois críticos de períodos distintos como fundamentação teórica e na metodologia uma obra antropológica no estudo dos ameríndios, tendo por fonte dicionários de dois autores de formações em áreas que não se confundem, foi possível comprovar que a tradução e grafia do termo tabareu na Língua Tupi, se deu de forma equivocada, influenciando na sua interpretação, de modo a outros sinônimos do termo Tapuya serem ignoradas pelos religiosos, como tem reprodução nos dias atuais e reflexos no idioma Português, desde a primeira década da colonização.

Palavras Chave: Memória; História; Linguística; Catequese; Idioma.

* Tal artigo integra o projeto que designamos “A Bela e a Feira”, que propõe uma coleção de volumes sobre as Memórias da Cidade de Feira de Santana, Estado da Bahia, um dos que compõem a Unidade Federativa do Brasil, que teve início em 2014, com o curso de mestrado em Memórias, concluído em 2016, na UESB.

** Secretaria de Educação do Estado Bahia. Colégio Estadual Santo Antonio.

E-mail: jagamor@gmail.com

*** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de História URL da Homepage: www.uesb.br E-mail: jose.dias@uesb.edu.br

Abstract: To the priests of the Society of Jesus who with Tomé de Souza migrated to do the catechesis of the natives, Brazil must produce abundant records, highlighting the primers, correspondences with the provincials and works dealing with the population of the coast, who spoke the Tupinambá language. Using the works of two critics of different periods as theoretical foundation and in the methodology an anthropological work in the study of Amerindians, having as a source the dictionaries of two authors of formations in areas that are not confused, it was possible to prove that the translation and spelling of the term *tabareu* in Tupi language, has occurred in a wrong way, influencing its interpretation, so that other synonyms of the term *Tapuya* are ignored by religious, as it has reproduction in the present day and reflexes in the Portuguese language since the first decade of colonization.

Keywords: Memory; Story; Linguistics; Catechism; Language.

Recibido: 5 de enero de 2019.

Evaluated: 24 de enero de 2019.

Jaime Magalhães Morais

Graduado em História (2000), Pós-Graduação *Lato Sensu* em Desenho, Registro e Memória, Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS (2006). Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB (2016). Recente artigo: Morais, J. M. e Dias, J. A., De legados culturais à luz de tramas envolvendo Lucas da Feira. (2018). Cascavel, Pr: Revista da Literatura, História e Memória, Vol. 14, n. 24, p. 307-330. Professor da Rede Pública do Estado da Bahia. Endereço profissional: Secretaria de Educação do Estado da Bahia, NTE 19, Colégio Estadual Santo Antonio, Rua Frei Aureliano de Grottamare, 823, bairro Capuchinhos, Feira de Santana, Ba-Brasil. Fone-fax: (75) 3625-5728.

José Alves Dias

Graduado em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB (1994), Mestrado em História pela Universidade Federal da Bahia, UFBA (2002) e Doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ (2009). Professor titular do Departamento de História e permanente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB. Endereço profissional: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de História. Estrada do Bem-Querer, Km 04, Módulo Acadêmico de Medicina, CEP: 45083-900, Vitória da Conquista, Ba-Brasil – Caixa Postal 95. Telefone: (77) 3424-8666. Fax: (77) 4241059.

Introdução

Têm-se nessa análise o objetivo de situar o étimo que corrompido, deu nome ao “tabareu”. Com isso temos a pretensão de melhor entender o processo de catequese ministrado pelos religiosos Católicos não só na costa, como nos sertões, com a expansão do ensino da Língua Geral, para acrescentar contribuições etimológicas a vocábulos da Língua Portuguesa, que hoje dela abarca, vasta raiz.

Isso se justifica em função de ser identificada já nos finais do século XVII, uma distorção de termos oralizados dentro do idioma Tupinambá, que compromete por sua vez até mesmo a Língua Portuguesa, que carece de conhecimento histórico progresso dos grupos que habitavam a colônia, para traduzir vocábulos, já que os dicionários normalmente fornecem tais informações. Nasceu da dificuldade em localizar uma tradução confiável para o que tem-se na atualidade por tabareu, nosso objeto histórico de pesquisa.

Duas obras fundamentam teoricamente o estudo, sendo a primeira delas uma produção do período imediato à transição para a catequese, se tratando de *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, que tem como autor Gabriel Soares de Souza (1851), enquanto a segunda é do inglês John Desmond Patrick Keegan (1995), que leva título, *Uma história da guerra*. Ambos trazem contribuições históricas para esclarecimento não só do termo em questão, como do indivíduo a quem se atribuía tal tratamento.

Para fins metodológicos utilizamos a obra de Claude Lévi-Strauss (2013), de nome *O pensamento selvagem*, referência na antropologia universal, as quais investigou *in loco* e inclui a Linguística, não necessariamente enquanto texto escrito, mas, oralizado, vez que teve contato com vários povos aborígenes no Brasil. A esse autor estruturalista, muito devem as tidas por ciências modernas.

O difícil acesso as gramáticas e cartilhas produzidas pelos jesuítas, por sua vez forçou o uso de outras fontes, a exemplo da obra do ex-ministro de estado no Brasil, de nome Antônio Houaiss (2001), que tem por título, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e da obra de Teodoro Sampaio (1987), de nome, *O Tupi na geografia nacional*, esta última uma obra de peso na etimologia da Língua Tupi. Ambos os autores, se destacaram como grandes pensadores a quem muitos dos filólogos e estudiosos da Língua Portuguesa creditam confiabilidade.

Atentemos contudo, que até mesmo aos jesuítas, primeiros especialistas a decodificar e grafar a Língua Tupi, algumas semânticas lexicais felizmente documentadas em outras obras, assim permitiram localizar corruptelas do idioma vernáculo. Já nas linhas próximas, serão abordados os registros históricos em foco.

A transição

29 de março de 1549, se faz num marco histórico da colonização no Brasil, com a vinda e fundação da Cidade de Salvador pelo Governador Geral, Tomé de Souza, que chegou acompanhado dos seus auxiliares artífices, dos altos cargos militares e administrativos, além dos missionários da Companhia de Jesus, comandados pelo padre Manuel da Nóbrega, que se encarregariam da catequese, nas afirmativas de Luiz Henrique Dias Tavares (2001, p. 107), em sua obra *História da Bahia*. Certamente já era a Bahia habitada por outros portugueses e ordens religiosas a exemplo dos franciscanos, que também migraram antes dos jesuítas.

Todavía, a catequese sistemática só veio acontecer a partir desse período, quando apenas seis jesuítas ao todo, desembarcaram juntamente com o governador para cumprir a incumbência determinada pelo reino de expandir o cristianismo aos tratados por povos pagãos. Seria importante alertar, que esse entendimento a respeito dos nativos, já ocupava um vasto repertório, não apenas dentro da Igreja, na sua relativamente curta existência, se comparada a saga dos povos hebraicos, ou outras religiões orientais, ainda hoje atuantes.

Foi no Império Romano, onde o cristianismo se difundiu e tomou forma durante a Idade Média. Contudo, no artigo de nome, *Cartilhas e catecismos usados no Brasil colonial*, Ana Palmira Bittencurt Santos Casimiro (2005), diz que os catecismos modernos só começaram a tomar vulto, com as pressões por Reforma Religiosa, que a reação forçou, levada a efeito no Concílio de Trento, entre 1545 e 1563. Os jesuítas teriam papel semelhante aos primeiros cristãos, que pregavam aos gentios.

No judaísmo, os povos de origens distintas eram tratados por gentios, nome que entre gregos e romanos levava título de bárbaros, ambos também utilizados em fartos registros, para se referir a outros povos que não falavam o idioma Tupi, na colônia portuguesa. Essa distinção, não se atinha apenas aos europeus, como os nativos usavam o termo Tapuya,¹ para designar aqueles povos não Tupi.

Logo, os jesuítas se servindo dos *curumins*,² de quem aprenderam a Língua Tupi passaram a disseminá-la de tal modo, que até mesmo aos povos escravizados Tapuya, ou aos afros cativos era ensinado como Língua Geral do Brasil (Sampaio, 1987, p. 43). Sem contar que os portugueses quando no litoral aportaram, ao se aproximarem desses povos desposavam mulheres Tupinambá e lhes geravam filhos, de maneira que onde habitavam, prevalecia o idioma das mães.

Essa, foi uma característica, cuja tradição não se pode afirmar que tenha gênese entre os Tupinambá, mas, fundamentalmente entre os povos fronteiriços, a exemplo dos Maracá, na margem direita do rio Paraguaçu, ou aos Paiaia na margem oposta. É necessário lembrar, que os povos Tapuya já viviam nesses territórios a tempo bem maior que os povos de tronco linguístico Tupi.

Não há um período preciso que permita situar quando os Tupinaé, se disponibilizaram a fazer guerra aos primeiros povoadores, se tornando responsáveis pela expulsão dos Tapuya da costa para os sertões, sendo os primeiros depois seguidos dos Tupinambá, que igualmente lhes forçaram a retirada da costa (Souza, 1851, p. 299-300). Mas, fato é que quando os europeus chegaram a América, já encontraram essa situação, que permaneceu até que a miscigenação com etnias de outros continentes e o acultramento acabaram por forjar, o que hoje leva nome de brasileiro.

Esse autor teria ouvido dos Tupinambá tais relatos, os quais registrou em sua obra, que mais tarde seria publicada em Portugal e Espanha. Todavía, nos primeiros anos que na Bahia conseguiu permanecer, se mostraria um atento observador dos hábitos dos nativos e do conhecimento detalhado não só da geografia costeira, como de muitos outras nuances culturais dos sertões, para tecer sua narrativa. Quando aí chegou, ainda a Bahia era governada por Mem de Sá e quando voltou para tentar conseguir

¹ Na Língua Portuguesa esse termo leva como grafia Tapuia, contudo absorvemos de Theodoro Sampaio (1987) a forma acima no texto escrita, por estar em maior conformidade ao idioma Tupi.

² *Curumim* é como os povos Tupi tratavam as crianças do grupo.

concessões, a Coroa portuguesa era ocupada por Felipe II, que unificara os reinos ibéricos.

Seguramente o estranhamento, lhe facilitou as descrições, com grande carga de termos incomuns a rotina lusa, na metrópole. Mas, se a colonização portuguesa como um todo pode ser entendida como litorânea e tropical na palavras de Sergio Buarque de Holanda (1995), autor de *Raízes do Brasil*, a Gabriel Soares não faltou a busca aos sertões que acabou lhe vitimando com uma das muitas moléstias, que caracterizaram aqueles anos iniciais. Adiante voltaremos a tratar da contribuição desse autor, aqui sequenciando a discussão sobre o legado Tupi aos jesuítas, os quais viriam ser brindados por maiores estudiosos dessa língua.

Afirma Luiz Alves de Mattos (1958), em obra que tem por título, *Primórdios da Educação no Brasil*, que eram seis os primeiros missionários jesuítas que vieram com Tomé de Souza e no ano seguinte outros quatro se juntaram para catequisar e instruir os nativos. Buscavam espaço na Cidade em construção e já nos primeiros anos edificaram o Colégio do Menino Jesus, onde não só ministravam aulas as crianças do sexo masculino tal qual na Europa se fazia, como as meninas também exigiram que lhes ensinassem.

Assim, o que em Portugal se tratava não apenas de uma tradição, mas era recomendação da Igreja a exclusão das mulheres da aprendizagem, se atendo a raras filhas de nobres, no Brasil, a instrução saiu adiante, abrangendo conquistas femininas, distintas da que se fazia na metrópole (Mattos, 1958, p. 88-89). Esse mérito foi endossado pelos Tupi adultos, que depois dos filhos aprendiam alguns termos, mas não eram tão diligentes, quanto as crianças. Essa possivelmente uma das razões, de algumas palavras serem deturpadas, seja porque certas crianças não dominam por completo a vocalização correta das palavras, ou os religiosos as adaptarem aos princípios da oralidade latina, de termos cuja grafia obedecia outras normas e estrutura.

Desse modo, Gabriel Soares, se via mais privilegiado, ainda que os jesuítas mantivessem contato com os pais, mas, o forte rigor com que tratavam a didática e a metodologia de ensino, exigia certos radicalismos, que se refletia na tradução correta das verbalizações Tupi. Certamente o primeiro ouvia os relatos dos adultos a quem consultava quando surgiam dúvidas, o que entre os *curumins* ouvidos pelos jesuítas, o senso crítico ainda não encontrava consistência em tais tradições.

Foi nesse período inicial, a maior exigência e grau de dificuldade imposta aos religiosos, para a produção de material didático que norteara a intervenção de outros que da Europa migravam, juntos aos *curumins*. Até porque, não havia uma tradição de ensino, que respeitasse as limitações dos alunos, de modo a no início, os jesuítas encontrarem reações das mais preocupantes, em se tratando dos pais, que não aceitavam os filhos serem punidos, ainda que Nóbrega fosse um dos mais abnegados jesuítas, mas a ideologia da época limitasse as ações dos sacerdotes, com os castigos comuns ao outro lado do Atlântico (Mattos, 1958, p. 56). Maior resistência, não poderia alguém tirar da cartola, que ensinar de modo equivocado e ironizar dos que se diziam conhecedores de como grafar corretamente vocábulos que as próprias crianças oralizavam. Mesmo nesse período, o Colégio atravessou uma crise das mais sérias e só adiante retomaria a pujança da fase inicial, conforme o mesmo autor.

Ao que tudo indica, os jesuítas voltaram atrás em função dos pais apoiarem as queixas dos *curumins* e tiveram que se despojar de métodos mais rigorosos, ao tempo

em que a esta situação se associaram fatores do tipo a formação que recebiam nos seminários, também influem para cometerem algum deslize na interpretação das verbalizações. As dificuldades se avolumaram e ameaçavam toda a missão jesuítica no Brasil, que de algum modo se refletiu até mesmo nas traduções desprovidas de maiores reflexões entre os anos de 1553 e 1558.

Na formação desses sacerdotes desde os primeiros anos já saíam Mestres em letras e logo adiante, Doutores, que lhes valeu a classificação de “homens cultos”, nas considerações de Serafim Leite (1945), em prefácio ao tomo V, da obra *História da Companhia de Jesus no Brasil*. A esses era exigida a aprendizagem de línguas como o sânscrito, cujo desdobramento se faria entre o grego e mais tarde o latim, além da língua vernácula, essas que formam a base de muitas outras línguas europeias.

Tanto esse curso inicial deu bons frutos, que muito rapidamente alguns se tornaram especialistas no Tupi e outras línguas faladas na América, então desconhecida de muitos deles na Europa, até porque, o Concílio de Trento realizado entre 1545 e 1563, se pautou sobretudo nos princípios dessa ordem, recentemente criada no bojo da Contrarreforma. Isso contudo, nos anos que estamos tratando, não impediu de escaparem aos novos sacerdotes, algumas facetas do idioma, que como dissemos mais atrás, hoje se refletem sobre a Língua Portuguesa.

Particularmente essa dificuldade se apresentou no governo de Duarte da Costa, que entrou em rota de colisão, com o bispo D. Pero Fernandes Sardinha, que também envolveu os padres da Companhia de Jesus nas farpas entre ambos. E certamente acabaram essas minúcias se refletindo com resultados mais funestos entre os mais pobres que por esse tempo, se tratavam dos escravos em maioria feitos dos nativos hostis aos habitantes do litoral e os próprios catequisados, que embora tivessem endosso dos governadores e sacerdotes, se viram pressionados com a revolta dos seus vizinhos, combatidos pelo governador.

Essa situação tenderia a ser resolvida com a chegada de reforços da metrópole com seis jesuítas que se juntaram aos demais em 1553, entre os quais se encontravam o padre Luiz de Grã e José de Anchieta, que com o governador Duarte da Costa vieram assumir as suas funções. É a partir do ingresso dos novos missionários e sobretudo do governo de Duarte da Costa, que passou a expandir a área de colonização com doações de sesmarias em outras áreas de domínio Tupinambá mais afastadas, que a situação vai se agravar (Tavares, 2001, p. 108-109). Os alunos foram se afastando do Colégio e essa indiferença vai se estender ao governo de Mem de Sá em 1556.

Duarte da Costa enfrentou revoltas dos Tupinambás, instigação de colonos e religiosos que ocupavam altos cargos. De outro modo, os missionários que recentemente tinham ingressado no Colégio do Menino Jesus, caro pagaram por desconhecer certas peculiaridades da cultura autóctone, por que ainda incorporavam punições aos alunos. Os primeiros missionários comandados por Manuel da Nóbrega acompanhados de Anchieta foram mudados para Piratininga e Luiz de Grã assumiu o cargo de provincial, na Capital.

Na obra *Novas Cartas Jesuíticas*, Serafim Leite aponta o estranhamento dos nativos com a mudança, nesse trecho de carta de Luiz de Grã ao geral aqui transcrita:

[...] porque os índios do Brasil nunca batem nos filhos por nenhuma coisa, e nenhuma coisa sentem mais que bater ou falar alto, que é quando muito o seu

castigar a filhos ou mulheres; e o pior é que só o ver dar uma palmatoada a um dos mamelucos basta a um para ir-se embora (Leite, 1940, p. 166).

Assim, se verifica que haviam razões de ordem metodológicas e didáticas que acabaram levando o Colégio a ir arrefecendo a frequência até ser fechado, e essa transferência de comando se refletiu também na aprendizagem dos próprios missionários, alguns deles ainda verdes na vocalização Tupi. Mesmo se serviam de intérpretes para confessar os fiéis.

O foco da análise

Foi justamente nessa época, do governo Duarte da Costa, que se deram os primeiros embates com os Paiaiaí e assim os lusitanos tomaram contato direto com os povos ditos Tapuya, em Língua Tupi, o que se equipara aos povos bárbaros em Roma ou Atenas e aos gentios entre os hebreus. Presume-se que as más relações do governador, seja com o bispo ou com os Tupinambá, ou ainda, dos novos missionários jesuítas com seu alunado, tenha criado certa apatia, mais que isso resistência aos europeus de modo genérico.

Essa insatisfação com os portugueses levaria Álvaro da Costa, filho de Duarte da Costa, a combater não só os Tupinambá do Recôncavo, como também os Paiaiaí nas ribeiras do rio Paraguaçu, o que acabou lhe rendendo a doação da Capitania do Paraguaçu (Tavares, 2001, p. 109). Naturalmente os Tupinambá, que tinham feito escravos Tapuya, se revoltaram a ponto de fazerem acordo com os Paiaiaí para juntos guerrearem os portugueses e depois dos combates, ainda que vencidos, tiveram que libertá-los, numa exigência das lideranças que com eles negociaram.

Substituído pelo governo continuado de Mem de Sá, se estendendo de 1556 a 1572, quando veio a falecer, a normalidade voltaria a reinar, com expedições seguidas, não apenas aos litorâneos, como aos Tapuya das imediações. Mas, o prejuízo maior já estava estabelecido e isso vai tomar proporções tais, que vão reverberar na atualidade.

O padre jesuíta João Antonio Andreoni, de pseudônimo André João Antonil (2007, p. 88), em sua obra no início do século XVIII, que leva o título *Cultura e opulência do Brasil*, recomenda aos nobres que, “ter filhos sempre consigo no engenho é criá-los ‘tabaréus’”.³ Essa seria a primeira referência escrita a esse termo, na forma de uma desqualificação daqueles habitantes da zona rural.

Certamente já era corriqueiro dentro da Língua Tupi, se referir com certo desdém, aos de comportamento semelhante aos hábitos Tapuya. Como havia nesse período se estabelecido combate sistemático aos habitantes dos sertões, assim como os jesuítas vinham catequizando essas populações, as préas se sucediam para fazê-los mão de obra escrava, na produção do açúcar.

Um dos grandes estudiosos da Língua Tupi, no início do século XX, se fundamentando em vasta bibliografia, que vai lhe permitir a produção de pequeno dicionário desse idioma, Teodoro Sampaio (1987, p. 318), identifica que *Tabaréu* tem por tradução na Língua Portuguesa,⁴ um adjetivo derivado de *taba*, habitante da aldeia,

³ Aspas simples nossa.

⁴ Na medida do possível tentamos respeitar a escrita original e eventualmente atualizamos a escrita, para a nova convenção ortográfica da Língua Portuguesa.

corruptela de *taba-rê*, aldeia diferente; aquele que é de outra aldeia, ou regionalmente na Bahia; homem do mato, campônio. O maior problema para esta tradução é que não se entende o termo ser classificado por adjetivo derivado de *taba* e ao mesmo tempo, se estender ao habitante da aldeia, nesse caso, ambos substantivos. Se uma palavra corrompida, até satisfaz como argumento. Mas, caso se trate de uma aldeia diferente, ou o indivíduo de outra aldeia, este em síntese seria um Tapuya e não uma qualidade desse substantivo.

Assim, não haveria como ter a derivação de *taba*, se a corruptela do termo ao qual se refere, tivesse outro étimo, como atrás sugere. Quer parecer ter havido alguma incompreensão na oralidade dos Tupinambás, ou quem sabe, uma simplificação do termo, ou ainda um similar usado no idioma, que não teve a devida atenção dos que o ouviram. Até mesmo, a ingerência verbal de outro idioma sobre o Tupi.

Antônio Houaiss (2001), em seu dicionário repete as informações do autor anterior e acrescenta com conceitos de outros autores, sempre tendo em mente características do habitante nativo dos sertões, que em uma palavra, se trataria do Tapuya. Alerta entretanto, que o étimo não se localizou, o que parece nas entrelinhas dizer que não foi pesquisado, em função de não faltar na língua vernácula portuguesa, radicais semelhantes senão iguais, porém, distintos no significado. Na confecção da tabela adiante, foram selecionados vocábulos que teoricamente tem significados aparentados dentro da Língua Tupi:

TERMOS	ÉTIMO	TOTAL
Taba, Tabajara, tabaco, tabardilão, tabaréu, tabatinga	Taba	6
Tabu, tabua, tábua, tabujajá, tabuleiro	Tabu	5
Tapucaja, Tapuia (tapuya, tapuio), tapuirana, tapuoca, tapuyrama e tapuytaperá	Tapu	8

Tabela 1-Termos de Étimos Tupi. (Fonte: elaborado pelo autor).

Seguindo o mesmo raciocínio de Houaiss nos deparamos com seis palavras começadas em *taba*, tendo em conta a tabela 1. Os termos Tupi que iniciam com *taba*, são na sequência: *taba* (aldeia), *Tabajara* (tribo Tupi), *tabaco* (erva fumageira), *tabardilão* (epidemia equina), *tabaréu* (soldado inexperiente, ingênuo), *tabatinga* (argila mole e untosa) com as demais derivações de cada uma delas. Todos esses vocábulos tem traduções sem sinônimos, salvo dois deles, que tem por significado, a individualidade *Tabajara*, ou até a coletividade dos povos de fala Tupi que incluem esse mesmo grupo, que estariam reunidos em *tabas*. Assim considerando, seriam cinco as definições. Mas, mantenhamos as seis em função de terem distintas classificações. Todavia, veremos adiante, que é forçosa a retirada de uma delas.

Oito termos de raiz nas comunidades Tupi, que usam o étimo *tapu*, e são identificados pelo menos cinco outros termos de radical *tabu*, sejam para os últimos: *tapucaja* (ave), *tapuia* ou *Tapuya*, ainda *tapuio*, todos esses sinônimos; *tapuirana* (tecido de algodão) e *tapuoca* (agoniada); se a esse forem acrescentados os vocabulários

catalogados por Sampaio: Tapuyrama e Tapuytaperá que são derivações do substantivo Tapuya, ou incluem uma referência a ele. Para os segundos, representados por: tabu (açúcar queimado), tabua (*Typha domingensis*), tábua (logro), a ave tabujajá e tabuleiro (planalto), distinto do tabuleiro em Portugal, somando ao todo cinco. Como se verifica, os termos de étimo *tabu*, ou *tapu* na Língua Tupi, se distanciam em quantidade. Ao considerar tapuia, tapuio ou tapuya como tendo o mesmo significado vão cair para seis, com o agravante dos demais serem derivações, enquanto cada uma das palavras iniciadas com tabu, tem significados diferentes.

Mudando do plano quantitativo, para a definição dos termos, grosso modo feito nos parágrafos anteriores, poder-se-á observar que no primeiro dos grupos, os de étimo *taba*, que Tabajara e tabaréu não poderiam se tratar de sujeitos do mesmo povo, pelas razões já expostas mais atrás, já que os Tabajaras eram Tupis. Contudo, poderiam estar reunidos numa aldeia, o que gravita em torno da mesma ideia. As demais são palavras de significados distintos.

O terceiro grupo tem uma característica única, com todos os termos derivando do étimo *tapu* e por extensão incluindo o sujeito Tapuya, nas ações. O segundo grupo, o mais distinto quanto a variação no significado das palavras, a análise é mais complexa e exige ser melhor dissecado, por ser de particular interesse nesta pesquisa.

Ao que tudo indica, alguns significados dos termos ficaram esquecidos, assim como outros vocábulos. *Tabu*, ou *tapu*,⁵ também se refere a deidade, esta se tratando de antepassados, ou sua descendência chefiada por um sumo sacerdote, na crença de um dos grupos nativos, que migrou da Polinésia para a Ilha de Páscoa (Keegan, 1995, p. 41-42). Trata-se de um povo milenar, caracterizado pelas grandes aventuras em embarcações, que atravessou o Oceano Pacífico, deixando nos locais onde aportava, vastos vestígios da línguas aparentadas em distantes ilhas, a exemplo da Ilha de Páscoa, na Nova Zelândia e no Havaí.

Este autor alerta contudo, que pelos europeus não acreditarem que um grupo sem escrita pudesse ter se espreado por uma área tão vasta, navegando em canoas, a todo custo tentaram negar suas realizações. Esta distância enorme percorrida em canoas da Polinésia até o Havaí e a Ilha de Páscoa faz supor que também atingissem o continente Sul Americano, até porque, se verifica na Língua Tupi, que senão estão se referindo ao mesmo grupo, há uma semelhança deveras considerável com o termo Tapuya, ou a *tabu*, este último, que nesse idioma é definido como açúcar queimado, que não se mistura, não coalha bem na forma.

Como se verifica, isso metaforicamente poderia estar nas entrelinhas tecendo uma comparação aos inimigos, ao bárbaro Tapuya, aquele que não se mistura, por ser de outro grupo, negação do seu, tidos como de formação ordinária, tanto quanto o açúcar. Por conseguinte, as outras palavras derivadas do mesmo étimo, estariam se referindo ao mesmo indivíduo, seja no território em que habitava, tabuleiro; a ave típica a essa área, tabujajá; o conceito formado no grupo, sobre esse outro mercado pelo logro, engano proposital, tábua; ou mesmo a vegetação predominante onde habitavam, tabua.

Até porque, aqui ainda faz falta termos para complementar o rol de palavras usadas para tratar o Tapuya. Acompanhemos a citação que segue: “[...] não tão-somente são inimigos os tupinaés dos tupinambás, mas são-no de todas as outras nações do

⁵ Ambos em itálico, conforme o original.

gentio do Brasil, e entre todas elas lhes chamam ‘taburas’, que quer dizer contrários” (Souza, 1851, p. 333). Portanto, no dicionário da Língua Portuguesa deveria constar o termo Tabura e nesse caso na tabela mais atrás, seriam sete e não cinco, o número de palavras de étimo tabu, que certamente incorporaria ainda o sinônimo *Tabureu* e sacaria tabaréu do primeiro grupo, de inicial taba.

Seguramente Gabriel Soares já estando na Bahia ao final da segunda década da colonização, se encontrava numa situação mais confortável que na primeira década, de modo aos ânimos e resistência dos Tupinabá, se adaptarem até certo ponto, às exigências portuguesas. Tanto isso é verdadeiro, que conseguiu arrancar deles, confissões que evitavam fazer aos jesuítas, em razão de com os governadores terem vindo e contar com suas benesses nos primeiros anos da colonização, o que gerava desconfiança e lhe valeu mais adiante preparar uma expedição aos sertões tendo ajuda dos guias dessa tribo. Ali sua vida teria fim.

Conclusões

Um período de crise nas relações entre os europeus e os nativos, se verificou durante o governo de Duarte da Costa, que refletiu na catequese dos jesuítas substitutos do primeiro grupo, que na Bahia se estabeleceu com o governador Tomé de Souza. Crise essa, gerada pela intolerância e incompreensão dos valores que regiam as tradições Tupinambá, bem encaminhada pelo primeiro dos governantes e pelas autoridades eclesiásticas, que não tiveram solução de continuidade e reverberou no ensino, prejudicando o estudo da Língua Tupi, de início pesquisada pelo primeiro grupo de jesuítas.

A formação pregressa dos religiosos jesuítas implicou no saque de termos do étimo tabu, porque se o tratamento ao Tapuya se estendia a Tabura, um dos termos para definí-lo, não teria o vocábulo “tabaréu” na tradução se desdobrado em mais um deles, nem a adjetivar tipos semelhantes, mas *taburéu*, que foi corrompido, na época da transição do ensino ministrado pelos jesuítas. Certamente taba é a designação de aldeia para uma gama considerável de países europeus falantes de idiomas semelhantes na raiz, que enviavam os sacerdotes para a catequese e esses interpretaram ser tabaréu o indivíduo da taba, quando os Tupis se referiam ao bárbaro, ao gentio, ao inimigo, ao Tapuya, ao Tabura, também Taburéu.

Seriam os Tupinaé responsáveis pela expulsão dos Tapuya da costa baiana, o que ocorreu antes dos europeus conhecerem a América, e os Tapuya os mais antigos moradores não só na Bahia, como ocupavam toda a costa leste da América do Sul. Forçados a se embrenhar pelos sertões, os Tapuya dos grupos hostis que se avizinhavam à costa, seus domínios no idioma Tupi tinham tratamento de tabuleiro, terra dos Taburas.

Tabu não somente se trata de algo estático e equiparável ao tradicional, fruto de uma civilização, mas, de um chefe e seu grupo que dominam certo território por algum período. Todavia, existiam situações de confronto com outros grupos, que acabavam por minar a estabilidade do chefe, ao ponto de ceder lugar a outro líder, que no poder se estabelecia (Keegan, 1995, p. 42). A esse novo grupo, que constituía novo chefe sacerdotal, novo tabu, isto é nova ancestralidade e por conseguinte uma nova deidade, até que outro grupo, no poder viesse se estabelecer, pela conquista dos demais. A guerra era a essência do ânimo desses povos.

Assim, tabura, tabureu, tapuia, tapuya são termos sinônimos, esses de grupos nativos responsáveis pela disseminação dos valores culturais da maioria dos povos que habitavam o Brasil, que desse modo eram designados pelos Tupi. Deles, até as guerras entre grupos do mesma etnia foram absorvidas por povos de várias gens, que outras línguas falando, forjavam a dos vencidos e tinham das mulheres trazidas a taba vencedora, filhos desse cruzamento a falar dois idiomas, que novo formava. Daí, a fartura de idiomas entre os Tapuya.

Referências bibliográficas

- Antonil, A. J. (2007). *Cultura e opulência do Brasil*, introdução e notas de André Mansuy Diniz Silva. São Paulo: EDUSP.
- Casimiro, A. P. B. S. (2005). Cartilhas e catecismos usados no Brasil colonial. Natal: *Revista Educação em Questão*, v. 22, n. 8, p. 182-205, jan./abr. Retirado de: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8364/6021>. Obtido em 08/01/2019.
- Hauaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Holanda, S. B. (1995). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Keegan, J. D. P. (1995). *Uma História da Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Leite, S. (1945). *História da Companhia de Jesus no Brasil*, tomo V. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- _____. (1940). *Novas Cartas jesuíticas: (de Nóbrega a Vieira)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Retirado de: <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/222/novas-cartas-jesuisticas-de-nobrega-a-vieira>. Obtido em 06/01/2019.
- Lévi-Strauss, C. (2013). *O pensamento selvagem*, tradução de Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papyrus.
- Mattos, L. A. de. (1958). *Primórdios da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora.
- Sampaio, T. (1987). *O Tupi na geografia nacional*, 5 ed, introdução e notas de Frederico G. Edelweiss. São Paulo: Editora Nacional.
- Souza, G. S. de. (1851). *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Rio de Janeiro: Tipografia Régia. Retirado de: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=38095. Obtido em 06/01/2019.
- Tavares, L. H. D. (2001). *História da Bahia*. Salvador: EDUFBA.